

FASCISMO, ANTIFASCISMO E AS COMUNIDADES ITALIANAS NO CENTRO, NORTE E NORDESTE DO BRASIL: OS ITALIANOS NA POLÍTICA REGIONAL BRASILEIRA

JOAO FÁBIO BERTONHA*

Resumo: O presente artigo aborda a ação do fascismo e do antifascismo italianos no Centro-norte e Nordeste do Brasil entre 1922 e 1942, procurando compreender o processo pelo qual eles se inseriram na vida das comunidades italianas dessas regiões e o grau de resposta dessas comunidades. As relações do fascismo com a estrutura da Igreja Católica nessas regiões e com o Integralismo são especialmente enfocadas.

Abstract: This article deals with the actions of fascist and anti-fascist Italians in north-central e northeast Brazil, from 1922 to 1942 and seeks to understand the degree of influence which those groups exercised in the Italian communities in these regions. Special attention is paid to the relationship between Fascism and the structure of the Catholic Church and between Fascism and the Integralist Movement.

Desde o início de suas atividades, o Partido Fascista (e depois, o governo fascista) procurou transferir seus ideais para seus concidadãos residentes no exterior. Nesse sentido foi feito todo um esforço no sentido de manter viva a italianidade entre os imigrantes e seus descendentes e

de inculcar a ideologia fascista entre eles, de forma a manter os laços entre as comunidades italianas espalhadas pelo mundo e a Itália fascista.

Esse esforço atingiu todos os países de imigração italiana e o Brasil não fugiu à regra.¹ Desde 1923, de fato, começaram os esforços fascistas para cativar os italianos e seus descendentes residentes no país. Foi principalmente a partir de 1928, porém, com a chegada dos côsules “fascistas” ao Brasil, que os esforços fascistas foram redobrados, com todos os meios sendo empregados na tarefa de cativar os imigrantes.

E que meios seriam estes?² Na realidade, o fascismo se serviu de duas vias principais para a busca do consenso no seio da comunidade italiana. De um lado, procurou-se fazer uma penetração direta nesta comunidade através da expansão da rede consular e da implantação dos órgãos fascistas propriamente ditos: os “fasci all'estero, os “Dopolavoro”, etc.

Ao mesmo tempo em que implantava seus instrumentos de propaganda e doutrinação no Brasil, o fascismo italiano ia agindo por outras vias no esforço supremo de conquistar as mentes e as almas dos italianos residentes no país. Nesse sentido, os consulados italianos foram agindo, no decorrer de todos os anos 20 e 30, com a intenção de controlar todos os órgãos que davam vida à assim chamada “colônia italiana”. Escolas, jornais, associações (...), todos esses órgãos foram caindo um após o outro sob o controle do fascismo, que os transformava em novos instrumentos para a difusão dos valores do regime.

Uma grande estrutura de propaganda foi, assim, montada, a qual dedicou-se com vontade à tarefa de difundir o fascismo no Brasil. Uma avaliação mais segura do sucesso dessa campanha entre os italianos e entre os brasileiros ainda está sendo desenvolvida, mas não resta dúvida que a ação do fascismo italiano (e também de sua contraparte antifascista) em território nacional foi bastante apreciável, merecendo uma atenção maior da historiografia que, até agora, dedicou-se apenas marginalmente ao tema.

Um grande trabalho de pesquisa sobre a ação do fascismo e do antifascismo italianos no Brasil foi concluído pelo autor, o qual espera, com este trabalho, dar uma contribuição relevante ao estudo do tema. A parte outras dificuldades, porém, o trabalho com esta temática em termos brasileiros esbarra num problema típico dos países continentais: a amplitude geográfica, com a consequente formação de um sem número de realidades regionais.

Na realidade, a historiografia internacional sobre o tema já revelou como a absorção das variantes regionais dentro de cada país só enriquece a análise global. Isso ocorre, por exemplo, nas historiografias canadense e australiana quando se discutem as especificidades de Toronto e Quebec ou de New Walles

e Quesland e, especialmente, na francesa, onde os estudos regionais sobre a questão do fascismo e os imigrantes italianos são extremamente ricos e numerosos.

O caso que mais se aproxima do brasileiro, contudo, é o americano, onde as dimensões continentais do país (equivalentes às brasileiras) permitiram imensas variações entre comunidades italianas espalhadas em pontos diversos (e com inserções sociais, étnicas e outras diferentes em cada contexto) do território americano. Nesse sentido, é possível notar grandes diferenças, por exemplo, entre a esmagadora maioria dos italianos vivendo nas grandes cidades da costa Leste como trabalhadores manuais e as comunidades menores, mais bem sucedidas economicamente e, aparentemente, mais ligadas ao fascismo justamente por isso, da Califórnia e da Costa Oeste em geral. Um estudo sistemático dos trabalhos monográficos sobre as diversas coletividades italianas espalhadas pelos Estados Unidos certamente levantaria outras particularidades regionais relevantes.

A situação brasileira é realmente semelhante à americana. De fato, a coletividade italiana no Brasil pode ser dividida, grosso modo, em três grandes blocos: pequenos agricultores vivendo no regime de pequena propriedade no sul do país; trabalhadores rurais e, cada vez mais, urbanos residentes no estado e, especialmente, na cidade de São Paulo, ao lado de uma elite industrial e de uma nascente classe média, e um pequeno grupo de artesãos e comerciantes residindo nas grandes capitais do Norte e Nordeste e no Rio de Janeiro.

Este texto procura fornecer subsídios para a análise do tema com relação a Minas Gerais e ao interior de São Paulo e, especialmente, ao último grupo citado acima. Uma análise aprofundada sobre a questão seria impossível, pois implicaria numa pesquisa bem maior nas fontes locais, o que é inviável para o autor nesse momento. Ainda assim, entendemos que o conjunto de informações aqui apresentado pode estimular pesquisas locais de maior fôlego, que certamente irão ampliar nosso conhecimento sobre o tema. É nesse sentido que esse artigo foi escrito.

O INTERIOR DO ESTADO DE SÃO PAULO

Se estudarmos a relação dos italianos da cidade de São Paulo com o fascismo, poderemos resumir a situação do seguinte modo: um núcleo de fascistas militantes oriundos das classes médias e burguesas italianas locais e formada basicamente de italianos natos em conflito com um grupo menor de antifascistas

e tendo como pano de fundo uma grande massa apolítica (e formada basicamente por trabalhadores e filhos de italianos) que, com o decorrer do tempo, foi-se tornando, devido a questões de nacionalismo e de aceitação social, mais e mais favorável ao fascismo em um nível genérico. É curioso notar como esse padrão parece se reproduzir, em escala menor, na maioria das pequenas cidades do interior paulista colonizadas por italianos.

De fato, em praticamente todas as cidades do interior o que se encontra é um pequeno núcleo de fascistas, reunido em torno do fascio all'estero, de uma Casa d'Italia e de uma associação italiana fascistizada ou, no caso de uma coletividade pequena demais para sustentar uma associação, simplesmente se reunindo para manifestar sua fé fascista, sempre que possível e um grupo muito menor (que, às vezes, podia se resumir a um único indivíduo ou podia nem existir no caso de postos muito pouco povoados) de antifascistas que procuravam combater a superior propaganda fascista. Entre esses grupos (sempre em contato com seus centros nervosos na cidade de São Paulo), massas de italianos apolíticos que só se dirigiam ao fascismo ou ao antifascismo (em algumas localidades e em casos excepcionais) num nível mais genérico e difuso.

Uma maneira de comprovar essa situação é verificar as informações disponíveis sobre as redes fascista e antifascista que se formaram no interior do Estado. No caso dos fascistas, uma possibilidade é a utilização do livro de Salvatore Pisani (PISANI, 1937), o qual, apesar de um pouco tendencioso, descreve em detalhes a situação das comunidades italianas de todo o Estado. Nessa reconstrução, é visível a presença dominante dos filhos de italianos sobre os italianos e a escassa participação desses italianos e descendentes nos órgãos fascistas de cada localidade. Não obstante, é verificável como um núcleo de fascistas militantes, ainda que pequeno, estava presente, capilarmente, em quase todas as cidades do interior do estado.

Se utilizarmos os registros da polícia política fascista arquivados no "Casellario Politico Centrale" e as notícias constantes nos jornais antifascistas (e, especialmente, no *La Difesa*), poderemos constatar que também a rede antifascista – muito menos desenvolvida que a fascista e que vai decair, note-se, no decorrer da década de 30 – estava presente nas diversas cidades do Estado, mesmo que fosse apenas pela ação de um único indivíduo, que se assumia como defensor e divulgador do antifascismo na região. As viagens de Ertulio Esposito, viajante do *La Difesa*, e que se encontrava, em cada pequena cidade do interior de São Paulo em que parava para cobrar as assinaturas do jornal, apenas um ou dois ou, no máximo, um punhado de antifascistas, também são indícios nesse sentido.³

Outra maneira de comprovar essa situação é comparar diretamente os dados de Pisani sobre a composição das coletividades italianas do Estado com as informações disponíveis sobre os antifascistas isolados nessas mesmas comunidades. Nesse sentido, poderíamos citar muitos exemplos, como o de São João da Boa Vista, onde havia um núcleo bastante ativo de algumas dezenas de antifascistas, contrapondo-se a um fascio na disputa por 3.000 italianos e 5.000 filhos de italianos residentes no local, ou de Barretos, onde havia uma pequena atividade antifascista⁴ disputando os 5.000 italianos e descendentes da cidade com um fascio e um Dopolavoro.

Um caso muito curioso é o da pequena localidade de Santo Anastácio, onde, dos 19.000 habitantes, 9.000 eram italianos e descendentes, na maioria trabalhadores rurais. Mesmo nesse lugar afastado, porém, a disputa fascismo X antifascismo se dava, com a propaganda e a influência fascistas se difundindo a partir dos poucos fascistas convictos residentes no local e das organizações fascistas existentes em cidades maiores próximas a Santo Anastácio e a antifascista seguindo o mesmo caminho a partir de um único antifascista isolado, Zeferino Oliva, distribuidor do *La Difesa* e de jornais e folhetos antifascistas que ele mesmo editava, aos italianos da região.⁵

Essa situação, confirmada textualmente pela documentação de época⁶, era ainda mais evidente nas cidades maiores do interior, como Ribeirão Preto, Santos e Campinas, que merecem receber um pouco mais de atenção, tanto por sua expressividade dentro das estruturas fascista e antifascista no Estado, como para estimular possíveis estudos de história local.

Por volta de 1937 (PISANI, 1937), a população de Ribeirão Preto era de 80 mil habitantes, dos quais 10 mil italianos e 15 mil filhos de italianos. Havia um fascio (não muito ativo pelo menos até 1928⁷), um Dopolavoro, um Vice Consulado e várias associações italianas com algumas centenas de membros. Porém o outro lado da barricada também estava presente, com um grupo de antifascistas estimado em cerca de 45 pessoas, em 1927⁸, apoiados pela Maçonaria local⁹ e que não só distribuía propaganda antifascista, como chegou a roubar a insígnia do Vice Consulado como demonstração de antifascismo.¹⁰ Os dois “núcleos duros” estavam, pois, presentes.

O caso de Santos é semelhante. A cidade tinha, no fim dos anos 30, cerca de 140 mil habitantes, com grande concentração de portugueses e cerca de 12 mil italianos e descendentes, segundo PISANI (1937) ou 33 mil, segundo o Vice Consulado americano¹¹. Há referências a um fascio – pouco desenvolvido no seu início¹² – e a um Dopolavoro que, em 1939, já tinham sido absorvidos por uma Casa d'Italia local. Há referências, nesse mesmo ano, a uma escola italiana

com 200 alunos, a atividades fascistas discretas mas presentes, e a um sentimento patriótico geral, que tornava a coletividade permeável ao fascismo.

O antifascismo, apesar de ter enfraquecido quase até a morte nos anos 30, também existiu. Ele sempre foi pequeno (com cerca de 60 ou 70 simpatizantes, por volta de 1928¹³), mas era real o suficiente para interagir e se opor ao fascismo.

O caso de Campinas é mais documentado. A cidade tinha, em 1937, 130 mil habitantes, dos quais 23 mil eram italianos ou filhos de italianos. Havia na cidade um Dopolavoro, um Vice Consulado e um fascio muito ativo, que promovia bailes, peças de teatro e exibição de filmes, além de comemorar datas festivas italianas e fascistas. Ele também dispunha de uma Associação Atlética Fascista, cuja seção de futebol era importante no ranking regional e que dispunha de uma praça de esportes, situada no Bairro do Bosque, e que os populares chamavam de “Campo do Fascista”.

Várias associações italianas também estavam presentes na cidade, como o Circolo Italiani Uniti, surgida em 1881, e que dispunha de um importante hospital.¹⁴ Havia também a escola Gabriele d’Annunzio, com centenas de alunos e onde a socialização política dos jovens de origem italiana era comprovadamente eficaz.¹⁵ Um núcleo fascista estava, pois, seguramente implantado na cidade.

A sua contraparte antifascista também existia, como demonstram as várias notícias referentes a Campinas, que eram publicadas na imprensa antifascista de São Paulo no fim dos anos 20 e início dos 30. O padrão anterior também se repetia, porém, nesse caso o núcleo antifascista era muito mais fraco que o fascista. De fato, mesmo em 1942/43 (ano de ressurreição do antifascismo italiano no país – BERTONHA, 1997), o número de antifascistas militantes em Campinas se limitava a três dezenas, capazes apenas de uma pequena propaganda.

Esses exemplos não nos devem levar, porém, a pensar que todas as comunidades italianas espalhadas pelo interior do estado de São Paulo eram simples versões, em escala menor, da cidade de São Paulo. De fato, as pequenas comunidades italianas do interior tinham especificidades que as diferenciavam do caso paulistano.

Essas especificidades iam desde o cuidado dos fascistas em selecionar os métodos de propaganda mais adequados a comunidades isoladas e longe da mídia escrita da capital (como os filmes¹⁶), como o fato dos fasci all’estero e outras organizações fascistas terem muito mais possibilidade, em pequenos centros urbanos, de se tornarem centros da vida social que em São Paulo, onde a concorrência era maior. Nessa linha de pensamento, parece haver sentido

nas palavras de Giovanni Giuriati, que, já em 1924, dizia que a ação fascista era muito mais fácil nos pequenos centros que nos grandes (TOSCANO, 1980, p. 237).

A característica mais curiosa das cidades menores, porém, era a menor importância das divisões sociais dentro da vida da comunidade e a diminuição das tensões de classe que abalavam bastante a solidariedade fascista dentro da coletividade italiana da cidade de São Paulo. Claro que essas tensões também existiam no interior (e ainda mais em centros maiores, como Campinas e Santos), mas eram muito menores, o que nos permite entender porque as recordações de Cezira Curty sobre o fascio de Campinas insistem em ressaltar a congregação e a solidariedade que ele promovia – especialmente nos anos 30 – entre todos os italianos da cidade.

Nesse sentido, adquire relevância o recente trabalho de Aprígio de Almeida Júnior (ALMEIDA, 1997) sobre a cidade de Capivari, onde, em 1936, 26% da população de 28 mil habitantes era composta de pessoas de origem italiana e onde não só, segundo o autor, as relações pessoais (típicas de cidade pequena) tendiam a anular as tensões sociais e congregar os italianos locais, como a própria participação nas festas e atividades fascistas era estimulada pela necessidade de reforçar a identidade de grupo e de “grande família”, mais presente num pequeno núcleo que numa metrópole como São Paulo. Isto indica novamente como a realidade do interior se diferenciava, muitas vezes, da da capital.

O ESTADO DE MINAS GERAIS

Como bem ressaltou Zuleika Alvim em recente trabalho (ALVIM, 1994), os cerca de 65 mil italianos que emigraram para Minas Gerais e seus descendentes são pouco estudados em comparação aos de São Paulo e Rio Grande do Sul. Essa situação se repetiu no tocante à questão do fascismo entre esses imigrantes, com poucas informações disponíveis a respeito. Há indícios, porém, de que a situação das comunidades italianas de Minas Gerais era – apesar da brutal inferioridade numérica – muito semelhante à do estado de São Paulo.

O núcleo da ação fascista no Estado (que se concentrava, dada a distribuição dos italianos, no centro sul do mesmo) era, obviamente, Belo Horizonte, onde o Consulado mantinha programas de rádio, centros de cultura italiana e escolas de italianos¹⁷ e onde havia, em fins dos anos 30, uma Casa

d'Italia, que reunia o Consulado, os antigos fascio e Dopolavoro, as antigas associações italianas locais, etc, e que servia de base para a propaganda fascista, seja a voltada para italianos, seja a voltada para os brasileiros, no Estado.

Também em Belo Horizonte estava o maior núcleo antifascista italiano do Estado, com cerca de 60 membros, no início da década de 30 e liderados por um antifascista que atravessou toda a história do antifascismo italiano no Brasil, Eugenio Guadagnin.¹⁸

No interior de Minas, a situação não era diversa, com núcleos de propaganda fascista espalhados capilarmente pelo Estado e enfrentando a oposição de pequenos núcleos antifascistas instalados, por exemplo, em Uberaba, Juiz de Fora, etc.¹⁹

Nesse sentido, um caso curioso foi o da pequena São Sebastião do Paraíso, onde uns poucos fascistas militantes, reunidos em torno do fascio, enfrentaram a tenaz oposição de dois irmãos, Geraldo e Giuseppe Marcolini, "que mantém viva uma propaganda antifascista que afasta do fascio de São Sebastião do Paraíso a maioria da coletividade italiana".²⁰

O maior núcleo de antifascismo italiano fora de Belo Horizonte, contudo, era o de Poços de Caldas, onde moravam antifascistas de peso como Fosco Pardini (ex membro do Centro Socialista Internacional de São Paulo) e Teresa Carini (CANDIDO, 1980, pp. 34-40) e existia um núcleo antifascista de talvez não mais de dez ou vinte pessoas²¹, mas suficientes para irritar os fascistas da cidade. O padrão identificado em São Paulo de 2 "núcleos duros" (um fascista e outro menor, antifascista) disputando uma grande massa apolítica, que lentamente se dirigiu a um fascismo genérico, parece permanecer, assim como as particularidades das pequenas comunidades verificadas antes, no caso mineiro.

O NORTE/NORDESTE

Escrever sobre as coletividades italianas do Norte e Centro Oeste do Brasil é algo muito simples devido à sua baixíssima representatividade numérica. De fato, o governo dos Estados Unidos registrava, em 1942, apenas 900 italianos no Mato Grosso, 750 no Amazonas e uns meros 70 no Acre²² e os considerava absolutamente inofensivos. O governo inglês, analisando os fasci de Manaus e São Luís, identificava alguns fascistas fiéis, mas também os considerava de pouca importância²³. O fascio de Belém parece ter sido, segundo as notícias constantes no jornal oficial da Segreteria Generale dei fasci all'estero Il Legionario, razoavelmente ativo e o fascismo foi, ao que tudo indica, realmente

popular entre os ítalo locais,²⁴ mas as atividades fascistas parecem ter sido muito fracas, senão inexistentes, e o grande núcleo de propaganda fascista e italiana era formado pelos missionários italianos.

Os missionários italianos tiveram, de fato, um papel especial de difusão do fascismo nesses locais, onde a coletividade italiana era muito pequena para que os órgãos de controle e propaganda fascista estivessem presentes. Isso ocorreu, por exemplo, em Mato Grosso, onde os salesianos difundiam propaganda fascista e o jornal fascista *Fanfulla* e se esforçavam para distribuir filmes e boletins de guerra italianos;²⁵ no Acre, onde padre Giuseppe Albarelli assumiu a defesa do Duce quando folhetos antifascistas foram espalhados na capital, Rio Branco, em 1928²⁶; no Amazonas, onde os salesianos estavam sempre pedindo dinheiro a Roma para suas obras²⁷, etc. Não é à ocasional, assim, a denúncia que o Itamaraty recebeu, em 1942, acusando os padres italianos e alemães da Amazônia como agentes nazistas, fascistas e integralistas.²⁸

No Nordeste do Brasil, as comunidades italianas eram, apesar de ainda representarem um nada em comparação às comunidades italianas do sul e sudeste, mais consistentes e as atividades fascistas foram maiores.

Em Recife, o fascio *all'estero* surgiu em 1924, mas foi logo dissolvido e só reabriu, reorganizado, em 1927, funcionando na sede do Banco Francês e Brasileiro. Em 1937, surgiu uma Casa d'Italia, que reunia o fascio, o *Dopolavoro*, a sociedade beneficente italiana e a sede da Dante Alighieri local.²⁹ O fascio era relativamente ativo³⁰, atraindo italianos do interior de Pernambuco e até de lugares distantes como Maceió. Um jornal chegou a ser publicado em 1934³¹ e as visitas de navios de guerra italianos ao porto de Recife eram bem vistas no Estado, cuja elite política, aliás, era declaradamente simpatizante do fascismo.³² Ainda assim, o nível de propaganda fascista não era muito elevado, se comparado com o dos estados do Sul.

Ainda com relação ao Nordeste, temos registros de alguma simpatia dos integralistas pernambucanos com relação à Mussolini (SILVA, 1996, p. 37)³³, de uma divisão quase intencional entre os italianos natos, partidários do fascismo, e seus filhos, integralistas, dentro da colônia italiana de Recife e de fortes relações de amizade entre os dois grupos (ANDRADE, 1995, p. 68), o que é compatível com a situação verificada em outros pontos do país (BERTONHA, 1998 e 1999a).

Também é observável como, assim como ocorreu na região Norte, no Espírito Santo e no Rio Grande do Sul (BERTONHA 1997c e 1998a), também os missionários italianos em ação no Nordeste e, em especial, os salesianos, foram importantes para a difusão do fascismo em nível local.³⁴ As atividades

culturais promovidas pelos fascistas (e, em especial, pelos de Recife), como cursos de língua e cultura italiana, também apoiaram a difusão da doutrina fascista na região a um nível seguramente pequeno com relação ao sul do Brasil e São Paulo, mas, ainda assim, de significância (ANDRADE, 1995, pp. 64-65).

O que realmente surpreende, na realidade, no caso nordestino, é o sucesso do fascismo em recrutar os italianos locais. De fato, para uma população de cerca de 500 italianos no Recife, em 1939, o fascio tinha cerca de 100 sócios e o Dopolavoro por volta de 150, além de cerca de 30 membros da Camara di Comercio italiana, o que é uma proporção de militantes em relação à população italiana local que supera astronOMICAMENTE os números, por exemplo, do estado de São Paulo. O mesmo ocorria na Paraíba, onde o fascio – fundado em 1929 – reunia 34 sócios no fim dos anos 30 (ANDRADE, 1992, pp. 154-155 e MELLO, 1995, pp. 81-82)) e o fascismo era bem visto pela elite política local (MELLO, 1995, pp. 81-83)..

Esse maior sucesso fascista, reconhecido por vários observadores posteriores (ANDRADE, 1992, pp. 156-158) e que não implica na não existência de um ou outro antifascista,³⁵ devia-se, provavelmente, à composição social da coletividade, onde a proporção de comerciantes, pequenos industriais e outros membros da pequena burguesia era muito maior que no Sul e em São Paulo (ANDRADE, 1990, 1992 e 1993; MELLO, 1990). Dada a maior afinidade desses grupos com o fascismo e a ausência de operários e trabalhadores (mais propensos a fornecer algum apoio ao antifascismo – BERTONHA, 1994; 1994a e 1999) na Região, não fica difícil entender o porque dessas coletividades do Nordeste terem sido, proporcionalmente, mais receptivas aos apelos dos órgãos fascistas.

O mesmo pode ser observado com relação a Salvador, onde o fascismo mantinha um fascio de certa importância (segundo as notícias de *Il Legionario*), um Dopolavoro, um Circolo Italiano, uma escola e, depois, uma Casa d'Italia (DE AZEVEDO, 1989, p. 58). Há referências a contatos dos fascistas italianos locais com os integralistas³⁶ e um jornal (*Bollettino d'Informazioni*) chegou a ser publicado.³⁷ O consulado americano considerava a difusão fascista pequena,³⁸ mas há novamente sinais de que, para seu pequeno tamanho,³⁹ o número de fascistas militantes (100 em 1932 – TRENTO, 1994, p. 252) era relativamente alto, o que novamente está relacionado com a origem social dos italianos locais⁴⁰ e pode ser comprovado até em dados secundários como a existência de estabelecimentos comerciais de propriedade de italianos com nomes sugestivos como “Barbearia fascista”, “Barbearia futurista” e “Bar fascista” (DE AZEVEDO, 1989, p. 58).

Ressalte-se, além disso, que o fato da comunidade italiana local ser um pouco maior que a de Recife ou João Pessoa, por exemplo, permitiu que um movimento antifascista existisse por algum tempo. Era, porém, muito pequeno, com não mais de meia dúzia de membros liderados por Trento Tagliaferri e que não conseguiu, apesar de um ou outro ato simbólico (como a deposição de uma coroa de flores no Monumento a Castro Alves, em 1932), quebrar o consenso fascista na cidade.⁴¹

Logo ao sul da Bahia, está o Espírito Santo, onde a comunidade italiana era bem maior atingindo, entre italianos e descendentes, algumas dezenas de milhares de pessoas e que recebeu, portanto, uma certa atenção do governo italiano. Formada basicamente por pequenos proprietários rurais com fortíssima influência da Igreja Católica, tal comunidade respondeu de forma extremamente favorável aos apelos do Fascismo e do Integralismo.

O conjunto de fatores que explicam essa adesão vai desde questões de classe (como o medo dos pequenos proprietários de perder suas terras em uma possível coletivização fundiária) e étnico-culturais (como o apreço pelas realizações do governo fascista e o forte apoio dado a ele pela Igreja Católica, que também acentuava, no Espírito Santo, a associação Fascismo/Integralismo) até os de política regional, que opunham a elite tradicional aos imigrantes e filhos de imigrantes querendo se afirmar política e economicamente (BUSSOLA, 1990, p. 278; LAZZARO, 1992 e BANCK, 1978). Nesse sentido, o caso do Espírito Santo se aproxima muito do catarinense e do gaúcho (BERTONHA, 1998a).

O RIO DE JANEIRO

A maioria dos italianos que imigraram para o Rio de Janeiro era constituída de meridionais e de profissionais dos serviços, o que faz a situação carioca diferente da paulista ou gaúcha e a aproxima do padrão verificado nas capitais do Nordeste. De fato, os italianos eram, no início da imigração, muito ligados ao comércio ambulante, do qual detinham um quase monopólio. Outra profissão predominantemente italiana era a de engraxate. Outros eram alfaiates, barbeiros e marceneiros. Com o correr do tempo, foi-se formando uma classe de profissionais (jornalistas, artesãos, etc) e outra mais ampla de comerciantes e industriais. A maioria dos imigrantes italianos continuou, porém, a trabalhar nesses serviços urbanos já citados.

É difícil saber quando começou a imigração italiana para o Rio de Janeiro mas há indícios⁴² de que, entre os poucos italianos presentes no Brasil

antes de 1880, parte razoável estava no Rio de Janeiro, dedicando-se, como já dito, aos afazeres urbanos. Alguns milhares vieram depois, mas não muitos se compararmos a São Paulo ou mesmo a outras imigrações vividas pelo Rio de Janeiro (como a portuguesa), no período. Isso era compensado, porém, por uma migração de italianos de outros estados para o Rio. Dessa forma, segundo os censos, o número de italianos do Rio de Janeiro subiu de 20 mil, em 1895, para 30 mil, em 1901, 35 mil por volta de 1910, 32 mil em 1920 e 22 mil em 1940 (TRENTO, 1989).

Pouco se pesquisou, na realidade, sobre os italianos do Rio de Janeiro. Isso é de se estranhar pois, como já explicitado, dos três grandes tipos de imigração italiana para o Brasil - colonato do café, pequenos proprietários e trabalhadores urbanos -, o Rio de Janeiro se constituiu no principal campo de atuação do terceiro tipo, com uma vasta população italiana que parece ter vindo da Itália e de outros estados brasileiros com desejo de trabalhar diretamente nos serviços urbanos⁴³ e que mereceria, por isso, ser melhor conhecida.

Sobre a questão do fascismo na cidade, temos ao menos alguns dados de relevância. Um deles, talvez o mais importante, indica que, apesar do fascio do Rio de Janeiro não ter conseguido controlar completamente a colônia e de ter sido até asperamente criticado por sua inatividade e insignificância, em 1924, por Pietro Belli (RIOS, 1959, p. 57), ele teve uma atividade bastante razoável em comparação com outros fasci all'estero presentes no Brasil, como os seguintes números podem demonstrar:

<i>"Adesões ao fascio:</i>	<i>1923</i>	<i>1926</i>	<i>1930</i>	<i>1931</i>
	38	421	1005	1109

<i>Difusão do jornal L'Italico:</i>	<i>1925</i>	<i>1928</i>	<i>1931</i>
<i>(em cópias)</i>	1000	3000	5000

<i>Dopolavoro:</i>	<i>1931</i>
	1000 inscritos
	3000 frequentadores

<i>Grupos de jovens fascistas:</i>	<i>1928</i>	<i>1930</i>	<i>1931</i>
	70	315	336 ⁴⁴

Os números do fascio do Rio de Janeiro impressionam, especialmente se comparados com os do fascio de São Paulo, o qual, atuando numa área com uma população italiana substancialmente superior, não tinha, como visto anteriormente, mais de 1.755 filiados em 1928, contra cerca de 1.000 do fascio do Rio na mesma época. A composição social da colônia italiana no Rio (com muitos comerciantes e artesãos e poucos operários) e a presença onipresente da Embaixada italiana (controlando e potencializando diretamente as atividades fascistas) parecem explicar essa maior atividade e o sucesso do fascio do Rio que, não por acaso, recebeu uma menção honrosa da Segreteria generale dei fasci all'estero, em março de 1935.⁴⁵

Houve, contudo, um foco de antifascismo no Rio de Janeiro, talvez o mais importante depois do de São Paulo. Ele começou já em 1924, quando Giovanni Infante criou a Unione Democratica e prosseguiu por vários anos, quando os antifascistas tentaram se opôr ao avanço fascista na Società Italiana di Benemerenzza e Mutuo Soccorso e mantiveram grupos e associações como a Federazione Regionale Sindicale Antifascista, a LIDU, a Italia Libera, a Fratellanza Italiana e outras, além de alguns jornais. Seus líderes chaves eram Giuseppe Scala, Giuseppe Scarrone, Salvatore de Rosa, Nello Garavini e outros, mas tudo indica que esse ativismo antifascista declinou rapidamente, como de resto em todo o país, na década de 30, o que apenas reforçou a popularidade fascista entre os italianos do Rio de Janeiro.⁴⁶

Podemos ver, assim, que a ação do fascismo e do antifascismo italianos entre as comunidades de emigrantes italianos espalhadas pelo mundo apresentava variações e resultados bastante diferentes, conforme cada contexto nacional em que eles se inseriam.⁴⁷ O mesmo se repetia a nível micro, local, o que apenas confirma a necessidade de estudos pontuais para captar essas especificidades. É expectativa do autor que o presente artigo estimule outros pesquisadores a seguirem esse caminho da história regional, a qual só tem a acrescentar aos trabalhos da dita macro história.

Notas:

*Doutor em História Social/UNICAMP e professor de História Contemporânea na Universidade Estadual de Maringá..

¹Para os objetivos da ação do fascismo italiano entre as coletividades italianas do exterior em geral e, especialmente, para o Brasil, ver BERTONHA (1997a e 1997b).

²Uma grande quantidade de informações sobre a ação fascista e antifascista no Brasil pode ser localizado em TRENTO (1989, pp. 267-404) e BERTONHA (1998 e 1999).

³Ver Arquivo Nacional (AN)/IJ6 402, Processo de Expulsão de Ertulio Esposito, 1932, cartas do mesmo ao La Difesa de 1930 relatando suas viagens por Amparo, São João da Boa Vista, Santa Adélia, etc. Entre fins dos anos 20 e inícios dos 30, cidades como São João da Boa Vista e Poços de

Caldas eram consideradas “baluartes antifascistas”. Seria interessante um trabalho de história local para verificar as razões do fato e a possível semelhanças com centros antifascistas e de esquerda ítalo-americanos como Tampa, Barre e Paterson (MORMINO, 1987, pp. 162-164 e GABACCIA, 1988) ou franceses como Longwy (NOIRIEL, 1980).

⁴Ver Archivio Centrale dello Stato/Casellario Politico Centrale (ACS/CPC), b. 1727, p. 99927 (“De Napoli, Nicola”), diversos documentos.

⁵ACS/CPC, b. 3585, p. 91091 (“Oliva, Zeferino”).

⁶Ver National Archives at College Parke (NACP)/Office of Intelligence Research, Division of Research for the American Republics, RG 59, 250/46/9/3-5, Entry 451B, Box 13, relatório “The United States and Italians in Latin America”, pp. 167-168.

⁷Ver ACS/MinInt, DGPS, Divisione Affari Generali e riservati, 1927, b. 190, p. “Movimento Antifascista – Brasile 1928”, Informes Vice Consulado de Ribeirão Preto, 20 e 21/9/1928.

⁸ACS/CPC, b. 1921, p. 20298 (“Facci, Mario”), relatório da Polícia Política de 29/10/1927.

⁹ACS/MinInt, Divisione Affari generali e riservati, 1927, b. 180, p. “Movimento Massonico – Brasile 1927”, Informe da Polícia Política de 1/9/1927. A existência de uma loja maçônica local era, aliás, chave para determinar a existência de um núcleo forte de antifascistas nas localidades do interior, o que é natural se lembrarmos do fundamental apoio da Maçonaria ao antifascismo no mundo e também no Brasil. Ver BERTONHA (1994; 1994a e 1999).

¹⁰Ver ACS/MinInt, DGPS, Divisione Affari Generali e riservati, 1927, b. 190, p. “Movimento Antifascista – Brasile 1928”, Informes Vice Consulado de Ribeirão Preto, 20 e 21/9/1928.

¹¹Ver Arquivo Diplomático Americano (ADA), Rolo 4/380, código 832.00F, relatório “Italian Activities in Brazil” de 6/2/1939, fotograma 19, pp. 81-85.

¹²ACS/CPC, b. 2188, p.86826 (“Frola, Francesco”), relatório do Vice Consulado de Santos de 16/12/1927.

¹³ACS/MinInt, DGPS, Polizia Política, fascicolo per materia, b. 21, p. “Santos (Brasile) – Fuorusciti e antifascisti”, informes Vice Consulado de Santos de 6/10/1927 e 9/2/1928.

¹⁴Segundo observadores americanos, as duas instituições estavam completamente fascistizadas nos anos 30. Ver NACP/Records of the Office of War Information, RG 208, 208/350/71/12/34, box 437, relatório “The Italian Community of Campinas” de 23/6/1943.

¹⁵A Sra. Cezira Curty, que estudou na escola em fins dos anos 30, nos contou, em entrevista (Campinas, 18/5/1992), dos cantos e poemas fascistas que ela aprendeu, de uma viagem à colônia de férias em Santos, onde foi submetida à rígida disciplina fascista, etc.

¹⁶Vide ACS/MinCulPop (Ministero della Cultura Popolare), DGP, b. 272, f. 10, sottot. 2, p. “Invio di films nel Brasile”, Pro Memória Embaixada italiana, 4/1/1932.

¹⁷Vide ACS/MinCulPop, DGP, b. 278, f. 14, sottot. 1, p. “Mostra della Stampa e del libro italiano - Brasile”, informe Consulado de Belo Horizonte, 27/3/1937.

¹⁸Ver ACS/CPC, b. 2549, p. 19504 (“Guadagnin, Eugenio”).

¹⁹Ver AN/IJ6 402, Processo de Expulsão de Ertulio Esposito, 1932 e ACS/CPC, b. 1047, p. 31938 (“Cappiello, Vincenzo”), relatório do Consulado de Belo Horizonte, 14/5/1928.

²⁰ACS/CPC, b. 3042, p. 110962 (“Marcolini, Sante”), Informe MAE 1/4/1932.

²¹ACS/Pubblica Sicurezza, Divisione AAGGRR, categoria J5, b. 326, p. “Tagliaferri, Trento”, Informe Consulado de São Paulo, 18/5/1927.

²²NACP/Records of the Office of War Information, RG 208, 208/350/71/12/34, box 437, relatório “Strategic Survey of Amazonas, Acre, Mato Grosso and Goyaz” de 21/4/1942, p. 25.

²³Public Record Office, Foreign Office (PRO, FO) 128/390, Informe do Foreign Office 6/11/1941.

²⁴Ver as notícias sobre a expulsão do antifascista Trento Tagliaferri, em visita a Belém, dos negócios de italianos devido ao seu antifascismo em ACS/Pubblica Sicurezza, Divisione AAGGRR, catego-

ria J5, b. 326, p. “Tagliaferri, Trento”, Informe Consulado de Belém, 25/11/1939.

²⁵ACS/MinCulPop, DGP, b. 275, f. 10, sottof. 7, p. “Propaganda italiana in Brasile”, Informe Consulado de São Paulo de 18/4/1941 e Idem, b. 278, f. 14, sottof. 1, p. “Propaganda Culturale in Brasile”, carta de Padre Ernesto Carletti (missão salesiana de Santo Alfonso, MT) de 21/11/1940.

²⁶Archivio Storico Ministero Affari Esteri (ASMAE)/Affari Politici 1919-1939 (Brasile), b. 905, p. 1642, Memorando da Embaixada italiana do Rio de Janeiro de 27/7/1928.

²⁷ASMAE/Affari Politici 1919-1939 (Brasile), b. 906, p. 1647, diversos documentos

²⁸Arquivo Histórico do Itamaraty (AHI) - Ofícios recebidos de associações políticas e de cultura política, 1931-1945, 112/2/9, carta da Sociedade dos Amigos de Alberto Torres de 17/3/1942. Para o importante papel representado pelos missionários italianos na difusão do fascismo em todo o Brasil e, em especial, no Rio Grande do Sul, vide BERTONHA (1997c e 1998a).

²⁹Ver ADA, Rolo 4/380, código 832.00F, relatório “Italian Activities in Brazil” de 6/2/1939, fotograma 19, pp. 92-101 e ANDRADE (1990, 1992 e 1993). O ponto alto da história do fascio de Recife foi a construção de um monumento ao vôo Ferrarin e Del Prete de 1928, inaugurado em 1931.

³⁰Ver inúmeras notícias em Il Legionario. e ALIPRANDI (1932).

³¹Ver ACS/MinCulPop, DGP, b. 272, f. 10, sottof. 2, p. “Il Tricolore”. O mesmo arquivo informa distribuição de folhetos e livros fascistas na cidade. Ver Idem, b. 277, f. 12, sottof. 1, pastas diversas.

³²Ver ADA, Rolo 4/380, código 832.00F, relatório “Italian Activities in Brazil” de 6/2/1939, fotograma 19, pp. 92-101 e ANDRADE (1990, 1992, 1993 e 1995).

³³Parece óbvio que essa simpatia foi fator de atração desses integralistas para o movimento, mas a relação entre simpatia pelo fascismo europeu/entrada no Integralismo parece ter sido mais comum no sul e sudeste do Brasil, onde os descendentes de italianos eram mais numerosos e onde a propaganda fascista foi mais forte. Ver BERTONHA (1998 e 1999a).

³⁴Ver, por exemplo, registros de cappucinos rezando missas em homenagem a navios de guerra italianos em visita ao Nordeste brasileiro em 1932 em ASMAE/Archivio Gabinetto 1923-1943, Parte Seconda, Serie I, b. 502, p. “Menzotti, Augusto”, relatório do mesmo de 25/10/1932 e “Gagliardetti fascisti e cuori italiani nel Mondo”, Il Legionario, VIII, 46, 21/11/1931.

³⁵Na Paraíba, por exemplo, havia três antifascistas: Hermenegildo di Lascio, Nicola Porto e Braz Crudo. Ver MELLO (1990). Não por acaso, ao menos o primeiro deles era maçom. Ver MELLO (1995, p. 72).

³⁶Ver ADA, Rolo 4/380, código 832.00F, relatório “Italian Activities in Brazil” de 6/2/1939, fotograma 19, pp. 86-91.

³⁷ASMAE/MinCulPop, b. 187, p. “Annuario Stampa italiana all'estero”, informe Consulado de Salvador, 9/6/1937.

³⁸Ver ADA, Rolo 4/380, código 832.00F, relatório “Italian Activities in Brazil” de 6/2/1939, fotograma 19, pp. 86-91.

³⁹O Consulado dos Estados Unidos calculava os italianos da Bahia em 1.500 em 1939, com mais 5 mil descendentes. A avaliação do número de filhos de italianos é difícil de ser comprovada, mas a de 1.500 italianos natos parece razoável por se equiparar às próprias estimativas italianas, que eram de 1.368 italianos residindo na Bahia em 1937. Ver nota anterior e ACS/MinCulPop, DGP, b. 276, f. 10, sottof. 8, p. “Mostre”, impresso sem maiores referências.

⁴⁰No documento italiano citado na nota 46, calculava-se que, dos 1.368 italianos vivendo na Bahia em 1937, 846 eram dependentes e 522 exerciam atividade profissional, sendo 125 agricultores, 319 comerciantes e 78 artesãos e profissionais liberais. Um predomínio claro, assim, da pequena burguesia.

⁴¹Ver ACS/CPC, b. 1733, p. 112771 ("De Paola, Francesco"), diversos documentos; ACS/Min Int, DGPS, Divisione Affari Generali e riservati, 1932, I Sezione, b. 22, p. "Movvimento sovversivo antifascista - Brasile", Informe Vice Consulado de Salvador, 17/5/1932; ACS/Pubblica Sicurezza, Divisione AAGRR, categoria J5, b. 326, p. "Tagliaferri, Trento", diversos documentos e ACS/MinInt, DGPS, Polizia Politica, fascicolo per materia, b. 13, f. 16, informes do Vice Consulado de Salvador, 14/10/1929.

⁴²Vide TRENTO (1989, pp. 102-103).

⁴³A maior parte dos italianos que trabalhavam nos serviços urbanos e nas fábricas de São Paulo tinha passado antes pelas fazendas de café. Um certo número veio da Itália diretamente para a cidade de São Paulo e este número certamente superava largamente os do Rio de Janeiro. A especificidade carioca, assim, era a proporção mais alta de italianos vindos diretamente para o trabalho urbano e não seu número absoluto.

⁴⁴"Le opere assistenziali del fascio di Rio de Janeiro" in Il Legionario, X/42, 15/10/1932.

⁴⁵"Fasci, OGIE e Scuole italiani all'estero" in Il Legionario. XIII/13, 30/3/1935.

⁴⁶Para mais detalhes sobre o antifascismo no Rio de Janeiro, ver "A Italia livre" in O Combate, 24/9/1928; ACS/CPC, b. 2188, p. 86826 ("Frola, Francesco"), relatório de 24/2/1927, b. 2633, p. 767 ("Infante, Giovanni"), diversos documentos, b. 4649, p. 768 ("Scala, Giovanni"), b. 1743, p. 4816 ("De Rosa, Salvatore"), b. 2277, p. 52637 ("Garavini, Nello"), b. 4352, p. 136642 ("Rizzi, Giovanni"); ACS/Min Int, DGPS, Polizia Politica, fascicolo per materia, b. 103, p. "Movvimento blocchista", Comunicado do Consulado do Rio de Janeiro de 20/2/1929 e ACS/MinInt, Pubblica Sicurezza, Divisione AAGRR, Categoria F4, p. "Critica", relatório da Prefeitura de Cosenza, 3/6/1929 e b. 42, p. "Inventario dei quattro anni di governo fascista in Italia", diversos documentos.

⁴⁷Ver um primeiro esforço de análise transnacional da questão em BERTONHA (1998b).

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

- ALIPRANDI, Ermelindo. *Gli italiani nel Nord del Brasile*. Belém, 1932.
- ALMEIDA Jr, Aprígio de. 1936 - *A comunidade italiana de Capivari entre o fascio e o sigma*. Piracicaba: UNIMEP, 1997 (mimeo).
- ALVIM, Zuleika. "Italiani dimenticati". In: Blenghino, Vanni (org). *La riscoperta delle Americhe. Lavoratori e sindacato nell'emigrazione italiana in America Latina, 1870-1970*, Milano: Nicola Teti Editore, 1994, pp. 434-443
- ANDRADE, Manuel Correia. "Italianos em Pernambuco". In: De Boni, José Luiz (org). *A presença italiana no Brasil*, v. 2, Porto Alegre/Torino: EST/Fondazione Giovanni Agnelli, 1990, pp. 107-124.
- _____. *A Itália no Nordeste - Contribuição italiana ao Nordeste do Brasil*. Torino/Recife: Fondazione Giovanni Agnelli/Fundação José Nabuco, 1992
- _____. "A colônia italiana em Pernambuco nos anos 20 e 30". Quaderni, São Paulo: Nova Série, 5, 1993, pp. 79-94.
- _____. "A colônia italiana em Pernambuco nas décadas de 20 e 30". In: De Boni, José Luiz (org). *A presença italiana no Brasil*, Porto Alegre/Torino: EST/Fondazione Agnelli, vol. 3, 1995, pp. 57-67.

- BANCK, Geert Aret. *"Estratégias de sobrevivência em duas comunidades ítalo-capixabas"*. In: Estudos em homenagem à Ceciliano Abel de Almeida, Vitória: Fundação Ceciliano Abel de Almeida, 1978, pp. 65-84.
- BERTONHA, João Fábio. *"La Base sociale dell'antifascismo a São Paulo: un'analisi, 1923-1930"*. In: Blengino, Vanni (org). *La riscoperta delle Americhe. Lavoratori e sindacato nell'emigrazione italiana in America Latina, 1870-1970*, Milano: Nicola Teti Editore, 1994, pp. 390-399.
- _____. *"Entre burgueses e operários - A representatividade social do antifascismo socialista italiano - São Paulo, 1923-1934"*. História Social, Campinas, I, 1, Primeiro Semestre/1994a, pp. 117-144.
- _____. *"Política em tempos de guerra: a tentativa de reconstrução do antifascismo italiano em São Paulo em 1942/43"*. Revista de História, São Paulo: USP, 137, 1997, pp. 43-63.
- _____. *"A migração internacional como fator de política externa: Os emigrantes italianos, a expansão imperialista e a política exterior da Itália, 1870-1943"*. Contexto Internacional, 1997a (no prelo).
- _____. *"O Brasil, os imigrantes italianos e a política externa fascista, 1922-1943"*. Revista Brasileira de Política Internacional, 40, 2, 1997b, pp. 106-130.
- _____. *"Entre a cruz e o fascio littorio: a Igreja Católica Brasileira, os missionários italianos e a questão do fascismo, 1922-1943"*. História e Perspectivas, Uberlândia: 16/17: 29-45, 1997c.
- _____. *Sob o signo do fascio: O fascismo, os imigrantes italianos e o Brasil, 1922-1943*, tese de doutorado em História, Campinas: IFCH/UNICAMP, 1998
- _____. *"Entre a bombacha e a camisa negra: notas sobre a ação do fascismo italiano e do Integralismo no Rio Grande do Sul"*. Estudos Ibero Americanos, Porto Alegre, XXIV, 2: 247-268, dezembro/1998a.
- _____. *"O antifascismo no mundo da diáspora italiana. Elementos para uma análise comparativa a partir do caso brasileiro"*. AltreItalie, Torino, 17:16-30, jan/jun 1998b.
- _____. *Sob a sombra de Mussolini - Os italianos de São Paulo e a luta contra o fascismo, 1919-1943*. Campinas/São Paulo, Centro de Estudo das Migrações Internacionais da UNICAMP/FAPESP/AnnaBlume, 1999
- _____. *"Between the Sigma and the Fascio. A balance of the relationship between the Italian Fascism and the Brazilian Integralism"*. Luso Brazilian Review, Madison, 1999a, no prelo.
- BUSSOLA, Carlo. *"Alguns aspectos da cultura dos descendentes dos imigrantes italianos no estado do Espírito Santo"*. In: De Boni, José Luiz (org). *A presença italiana no Brasil*, v. 2, Porto Alegre/Torino: EST/Fondazione Giovanni Agnelli, 1990, pp. 267-280.
- CANDIDO, Antonio. *Teresina etc.* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.
- DE AZEVEDO, Thales. *"Italianos na Bahia"*. In: Italianos na Bahia e outros temas, Salvador: Empresa Gráfica da Bahia, 1989, pp. 13-60.

- GABACCIA, Donna Rae. *Militants and Migrants - Rural Sicilians become American Workers*. New Brunswick and London: Rutgers University Press, 1988.
- LAZZARO, Antonio. et alii. *Lembranças camponesas: a tradição oral dos descendentes de italianos em Venda Nova do Imigrante*, Vitória: Editora da Fundação Ceciliano Abel de Almeida, 1992.
- MELLO, José Otávio. "Os italianos na transição da Paraíba". In: De Boni, José Luiz. *A presença italiana no Brasil*, vol. 2, Porto Alegre/Torino: EST/Fondazione Giovanni Agnelli, 1990, pp. 125-183.
- _____. "Historiografia e história dos italianos na Paraíba: uma revisão crítica". In: De Boni, José Luiz (org). *A presença italiana no Brasil*, Porto Alegre/Torino: EST/Fondazione Agnelli, vol. 3, 1995, pp. 68-90.
- MORMINO, Gary. e Pozzetta, George. *The Immigrant World of Ybor City - Italians and their Latin Neighbors in Tampa, 1885-1985*. Chicago: University of Chicago Press, 1987.
- NOIRIEL, Gerard. *Longwy, immigrants et prolétaires, 1880-1980*. Paris: PUF, 1980.
- PISANI, Salvatore. *Lo Stato di San Paolo nel Cinquantenario dell'Immigrazione*. São Paulo: 1937.
- RIOS, José Arthur. *Aspectos políticos da Assimilação do Italiano no Brasil*. São Paulo: Fundação Escola de Sociologia e Política de SP, 1959.
- SILVA, Giselda Brito. *A Ação Integralista em Pernambuco, 1932-1938*. dissertação de Mestrado em História, Recife: UFPE, 1996.
- TOSCANO, Mario. "Il fascismo e l'Estado Novo". In: De Felice, Renzo. *L'emigrazione italiana in Brasile, 1800-1978*, Torino: Fondazione Giovanni Agnelli, 1980, pp. 235-270.
- TRENTO, Ângelo. *Do outro lado do Atlântico - Um século de Imigração italiana no Brasil*, São Paulo: Instituto Italiano de Cultura/Nobel, 1989.
- _____. "Il Brasile, gli immigrati e il fenomeno fascista". In: Blenghino, Vanni (org). *La riscoperta delle Americhe - Lavoratori e sindacato nell'emigrazione italiana in America Latina, 1870-1970*, Milano: Teti Editore, 1994, pp. 250-264.